

Identidade histórica, memória e os direitos das mulheres na produção biográfica de Ana Arruda Callado

JUSSIMARA LOPES DE JESUS SIMÕES*

Resumo: O presente artigo analisa a presença feminina na produção de biografias no Brasil, no século XX, enfocando a produção de Ana Arruda Callado, escritora, jornalista e acadêmica, que publicou sete biografias de mulheres brasileiras entre os anos de 1995 e 2016. A partir de estudos que correlacionam biografia a gênero e a História das Mulheres, objetivo apresentar a relevância e as especificidades do seu trabalho biográfico e apresentar como são articulados os conceitos história, discurso e intersubjetividade com base na análise de **Berta Ribeiro: aos índios, com amor**. A abordagem dessa última biografia visa identificar a permanência de alguns temas referendados nos seus livros anteriores, como textualmente explora as fontes e quais outros recursos emprega para efetivar a proposta de inversão da perspectiva historiográfica a partir da produção de história de mulheres em biografias e assim registrar a sua importância para o desenvolvimento social, cultural e político do país.

Palavras-chave: Biografia; História; Ana Arruda Callado.

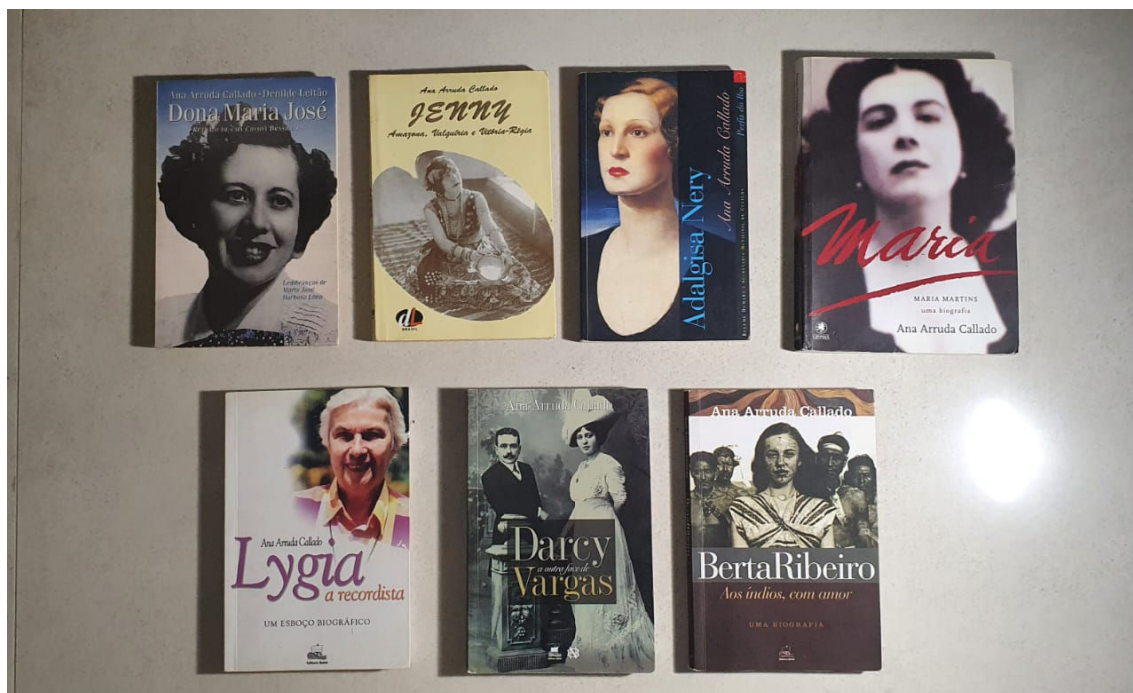
Historical identity, memory and women's rights in the biographical production of Ana Arruda Callado

Abstract: This article analyzes the female presence in the production of biographies in Brazil in the 20th century, focusing on the production of Ana Arruda Callado, writer, journalist and academic, who published seven biographies of Brazilian women between 1995 and 2016. studies that correlate biography to gender and the History of Women, the objective is to present the relevance and specificities of her biographical work and to present how the concepts of history, discourse and intersubjectivity are articulated based on the analysis of Berta Ribeiro: to the Indians, with love. The approach of this last biography aims to identify the permanence of some themes endorsed in her previous books, as she textually explores the sources and what other resources she uses to carry out the proposal of inversion of the historiographical perspective from the production of women's history in biographies and thus register its importance for the social, cultural and political development of the country.

Key words: Biography; History; Ana Arruda Callado.



* **JUSSIMARA LOPES DE JESUS SIMÕES** é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, da Universidade Federal da Bahia e docente do IFBAIANO, Campus Catu.



Biografias femininas e reconstituição da história do Brasil

Conhecer ou revisitar perfis em detalhes não antes revelados, desnudar certas curiosidades sobre um indivíduo numa postura voyeurística, buscar conhecer histórias de vida que foram concebidas a partir da perspectiva de singularidades ou de um caráter de excepcionalidade, ou que se destacaram-se em detalhes que se tornaram proeminentes na tessitura social, artística, cultural e histórica de um país, essas são algumas das funções atribuídas e corporificadas pelas biografias. Mais comumente modalizadas em obras escritas e eventualmente reconstituídas em linguagens audiovisuais e teatral, as biografias e autobiografias se desenrolam numa profusão avassaladora que nunca se esgota, mas que, pelo contrário, se reconfiguram em novas modalidades e estratégias de narratividade no cenário tecnológico e midiático da sociedade contemporânea.

Tais formas de narratividade trazem em si incorporadas, a partir de um manejo

instrumental e interpretativo, a interseção dos múltiplos e complexos aspectos constituintes da tessitura de uma vida, que ora é reelaborada como uma encenação contínua em bricolagem. E é no entrecruzamento de diferentes vias de análise desses textos que os campos de referência são acionados em uma integração tão natural quanto necessária, favorecendo novos procedimentos analíticos através de “aberturas teóricas e de enfraquecimento de territórios disciplinares”. (SOUZA, 2002, p. 111). A busca pela compreensão dos mecanismos de produção das obras biográficas perpassa a necessidade de compreender como a perspectiva (auto)biográfica se constitui enquanto expressão de subjetividade e terreno fecundo de experimentação estética.

Um dos contextos de produção de obras biográficas que tem sido bastante evidenciado nos âmbitos editorial e midiático é o de produção feminina, em que mulheres atuam como biógrafas e/ou biografadas. Como já assinalamos ser este um território privilegiado e amplo,

passou a ser visibilizado também como um campo de atuação das políticas da diferença em que, por exemplo, diferentes configurações da identidade de gênero vêm ganhando espaço.

Em se tratando da associação entre biografia e mulher, as possibilidades de reenquadramentos têm sido diversas, visto que circula com boa recepção e fluidez a representação do feminino enquanto autoria e tema. Em algumas análises sobre as especificidades na produção desse gênero por mulheres, são apresentadas algumas concepções de que a sua peculiar sensibilidade e o seu olhar atento sobre as causas femininas contribuem para a ampliação de novos horizontes de percepção sobre as marcas impressas no corpus textual de biografias. Outro aspecto também assinalado na crítica biográfica está no investimento em novas categorias analíticas a partir de outros enquadramentos de memórias e eventos, destacando-se em diversos momentos a denúncia sobre vivências atravessadas por relações de poder social e sexualmente hierarquizadas. (SOUZA, 2002. p. 114).

Identificamos muitos desses aspectos como possíveis vias de análise para biografias de autoria feminina da escritora Ana Arruda Callado, cujo enfoque é reconstituir histórias de mulheres objetivando o reajustamento dos discursos em circulação a partir também de uma perspectiva de gênero. Deste modo, apresento uma abordagem que se constrói na projeção de análise dos mecanismos, dos propósitos e dos conteúdos acionados em suas biografias de e sobre mulheres e no desvendamento de outros possíveis entrelaçamentos subjacentes à relação biógrafa-biografadas.

A produção biográfica de Ana Arruda Callado: algumas características e contextualizações

As histórias das mulheres investigadas a partir das biografias construídas por Ana Arruda Callado representam possibilidades de discussão sobre expressões identitárias, considerando-se os estudos de gênero e os novos percursos da crítica cultural, assim como as práticas discursivas inerentes a essas obras embasam uma análise sobre o texto biográfico como acervo documental que oferece instrumentos para a compreensão do percurso historiográfico, social e cultural do nosso país.

A consciência da apropriação da escrita como mecanismo que favorece a circulação de discursos e de reconstituição de vivências através do (auto)biográfico, se torna a via pela qual uma quantidade significativa de textos da “escrita de si” vai se ampliando. Vejo claramente esse propósito de recomposição dos discursos sobre mulheres em produções da jornalista, que está delineado tanto nas sete biografias que produziu, como nas referências a elas que vem apresentando em entrevistas e outras publicações suas. Sua enunciação sobre essas questões se concentra basicamente em destacar a inter-relação entre escrita, história, memória e poder de representação do feminino e como esses aspectos estão entrelaçados ao multifacetado e eferescente Brasil do século XX, contexto de vivência das suas biografadas. Procurando atestar a sua escrita como um compromisso, elege estrategicamente personagens que representam oposições e reinterpretações a “uma análise social que exclui, marginaliza ou interpreta equivocadamente as experiências femininas” (SOIHET, 2003, p. 41).

Você escreveu biografias de mulheres fortes e politizadas:

Adalgisa Nery, Maria José Barbosa Lima, Jenny, Maria Martins e Lygia Lessa Bastos. É uma busca por si mesma?

AAC- penso que um escritor só escreve por si mesmo. Quando comecei a procurar as “minhas mulheres”, fui atrás de pessoas que eram diferentes de mim. Mas descobri que era uma mentira.

Por que biografar mulheres?

AAC- Primeiro porque elas não são mulheres espetacularmente famosas. Escrevo sobre mulheres comuns, mas que contribuíram para as artes. São mulheres ilustres. Tenho interesse em contar a história contemporânea do Brasil através de um olhar feminino. Sou patriota, quero redescobrir o Brasil. (CALLADO, 2010)

Ana Arruda Callado foi uma das primeiras mulheres a cursar jornalismo, em meados dos anos 50. Esse pioneirismo também adentrou a prática profissional ao ser a primeira mulher a se tornar a chefe de redação de um jornal no Brasil, denominado Diário Carioca. O seu faro investigativo e a sua visão arrojada foram empregados como pontos estratégicos na sua perspectiva de promover redirecionamentos de postura e de ideologia sobre a atuação profissional de mulheres, a partir da sua própria experiência em contextos jornalísticos. Isso certamente lhe deu subsídios para a composição das suas obras biográficas, assim como, através do vasculhar de arquivos, do olhar aguçado pela pesquisa documental, das operações interpretativas das várias fontes, ela encontrou o embasamento e outras motivações para produzir biografias. Aliado a esses aspectos, é evidente seu interesse pelos problemas e desafios relacionados aos discursos de representação sobre as mulheres, sobretudo quanto aos embates que elas

enfrentaram ao adentrar nos ambientes públicos e neles trabalharem em várias áreas. Sua visão apurada também é acionada pela necessidade que a si condiciona de apresentar os impactos sócio-políticos, artísticos e culturais da atuação delas em vários setores da sociedade brasileira, desde as primeiras décadas do século XX.

Envolvida profundamente com testemunhos, depoimentos, documentos, publicações literárias e jornalísticas e outros acervos documentais, a jornalista produz um mapeamento em que convergem os variados elementos de representação das condições das mulheres. E parece querer cumprir várias missões, o que abarcaria o entrecruzamento e a multiplicidade de perspectivas inerentes à produção de biografias. Para ela, é necessário buscar elucidações para uma série de possibilidades da vivência e do engajamento das sete mulheres em meio a um contexto normativo específico. Num discurso reiterado, a jornalista reforça em suas biografias, principalmente no momento de apresentá-las, a necessidade de indagação sobre o não desvendamento da importância delas, afirma também que “É possível saber mais sobre o status das mulheres naquelas décadas. Saber como se situava a produção jornalística e literária feminina do ponto de vista político e cultural” (CALLADO, 2013).

Por outro lado, questiona as distorções presentes nas visões parciais e no desconhecimento sobre elas, derivadas da colocação de figuras masculinas (principalmente pais e esposos) como seus suportes para uma possível ascensão, suas vias de acesso à vida pública ou como subsidiários dos seus talentos. Segundo a escritora, um dos pontos cruciais para a escrita dessas biografias é o fato de tais personagens

serem muito parcialmente apresentadas ao reconhecimento público, seja através da mídia da época ou dos registros da História do Brasil. Para ela, o desconhecimento em relação as suas personagens também é proporcionado pelo valor atribuído à atuação de seus companheiros ou parentes e isso evidencia a necessidade de reconhecimento da sua pauta, que é a de construir um redimensionamento do enfoque historiográfico no Brasil, incorporando assim as histórias das vidas dessas mulheres.

A primeira obra intitulada **Dona Maria José: retrato de uma cidadã brasileira**, produzida em coautoria com Denilde Leitão, foi publicada em 1995 e retrata o pioneirismo de Maria José Pereira Barbosa Lima (1906- 2002) ao criar a Campanha Pernambucana pró-infância, cuja base era a assistência social, educacional e médica de crianças no Recife. As referências sobre ela, antes dessa publicação, se concentravam no fato de ter sido esposa do acadêmico, jornalista e político Barbosa Lima Sobrinho:

No ano seguinte, 1996, traz a história de Jenny Pimentel de Borba (1906-1984), escritora, jornalista e militante feminista brasileira. Sob o título de **Jenny: Amazona, valquíria e Vitória-régia**, este livro destaca a dedicação de Jenny ao movimento de emancipação de mulheres nas várias revistas em que atuou, sobretudo na Revista *Walkírias*, de forte tendência feminista a partir dos anos 30:

Em 1999 publica **Adalgisa Nery, muito amada e muito só**, que retrata a vida de Adalgisa Maria Feliciano Noel Cancela Ferreira (1905- 1980), escritora (escreveu romances e poemas), jornalista e política dos anos de 1960 a 1969, quando teve seu mandato cassado pelo AI5. Manteve em uso artístico o sobrenome Nery, oriundo do seu primeiro casamento com o pintor,

filósofo, poeta e arquiteto Ismael Nery, figura de bastante destaque no Modernismo brasileiro.

Sua quarta biografia foi produzida em 2004 e procurou recompor a trajetória de Maria de Lourdes Alves Martins (1894-1973), renomada escultora, desenhista, gravurista, pintora, escritora e musicista brasileira. Intitulado **Maria Martins: uma biografia**, este livro retoma os circuitos de produção e exposição das obras desta artista, sobretudo os de grande repercussão em contextos internacionais.

Em 2009 se dedica à produção de **Lygia: a recordista. Um esboço biográfico**, sobre Lygia Maria Lessa Bastos (1919), professora carioca, que também ingressou na carreira política como vereadora e também foi deputada estadual e federal. Destaca-se por ter sido a mulher de carreira política mais duradoura, permanecendo na cena pública por quase 40 anos. Sobre Lygia Lessa ressalta sua vitalidade e a sua potência política, a prodigalidade de sua atuação na vida pública e a sua simplicidade nos hábitos e costumes:

Publica, em 2011, **Darcy: a outra face de Vargas**, para nos trazer um relato sobre Darcy Sarmanho Vargas (1895-1968), esposa de Getúlio Vargas e a primeira-dama do país por dois períodos. As referências a ela destacam o seu envolvimento com as questões sociais e assistenciais:

Por fim, em 2016 lança a obra **Berta Ribeiro- aos índios com amor**. Esta recompõe a história de Berta Gleizer Ribeiro (1924-1997), uma antropóloga, etnóloga e museóloga brasileira, grande autoridade em cultura material dos povos indígenas do Brasil.

Para a produção dessas biografias, Callado investe em um circuito de investigações, cujos exercícios

metodológicos, analíticos e críticos vão variando. Assim como mudam os roteiros dos personagens, suas operações de manejo com informações que coleta são redirecionados. Mesmo produzidos por uma mesma pessoa, sob circunstâncias sociais, históricas, estéticas e políticas convergentes, a mobilidade discursiva desses textos nos ajuda a compreender o quanto o terreno do biográfico pode ser movediço, cambiante e naturalmente heterogêneo, ao ensaiar novas formas de narratividades sobre vidas e ressaltar a vitalidade das práticas discursivas e da abertura enunciativa das escritas de si.

A medida que vai produzindo biografias, a cada novo texto, as estratégias narrativas vão sendo rearticuladas, representando uma possível necessidade de ajustar o discurso de acordo com novas experiências de escrita adquiridas, com um novo repertório e acervo documental com os quais tem que operar e com um novo sujeito a interpretar. Todo esse processo representa a necessidade de leitura, releitura, interpretação e produção de significados de acordo com os repertórios textuais e simbólicos a que vai tendo acesso. Entre os anos de 1995 e 2016, os exercícios de operacionalização com as fontes, a sua busca de acesso aos arquivos, as formas de abordagens e exploração das informações com os seus depoentes e entrevistados vão sendo sujeitas a novas intervenções. Devemos levar em consideração também que essas personagens veicularam heterogeneidades discursivas, corporificadas em suas experiências pessoais e contextuais, nas suas personalidades e atuações profissionais e em diversos outros eventos que condicionaram as suas diversas mobilizações, cuja tentativa de descrição é apresentada ao biografá-las.

A base em que está circunscrita a biografia é das escritas de si, ou seja, a

concepção da personagem, do enredo, os ajustamentos de tempo e espaço serão constituídos de acordo com o modo de narrar da escritora e com suas referências temáticas e contextuais também, num panorama híbrido de invenção, narração e interpretação, pois, segundo Artières, “[...] a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar as nossas vidas.” (1998, p. 11). No âmbito das recentes abordagens teórico-metodológicas sobre as relações entre memória, arquivos e fontes, desenvolvidas por disciplinas como a Sociologia, a História, a Filosofia e a Literatura, os pesquisadores geralmente enfatizam a necessidade de se observar a sistematicidade no manejo do arquivo a partir do acesso a ego-documentos porque daí serão construídas as representações e as histórias das personagens em biografias, por exemplo. Usando como recursos diários, correspondências, memórias autobiográficas e outras fontes ricas, do ponto de vista da crítica, como processos, fontes judiciais e notícias na concepção de textos desse gênero, nos é proporcionado uma melhor reconhecimento das relações entre produto e processo, nos é dada uma melhor compreensão a respeito do como e do porquê ocorre o trabalho de interpretação dos fatos e dados e quais intenções implícitas ou explícitas estão em jogo na produção de uma “história de vida”. Desse modo, a estrutura narrativa da biografia garante que o texto seja legível e coerente, pois assim uma vivência ganha um teor inteligível na medida em que é ordenada pela narratividade.

A perspectiva de abordagem sobre o biográfico é altamente provocativa, ela não deixa de estar diretamente relacionada aos métodos de interpretação das fontes que por sua vez denunciam intenções diversas mediadas, sobretudo,

pela necessidade de presentificação dos rastros recolhidos do passado, mesmo com seus riscos e limitações, fator com o qual a escritora afirma saber que está lidando ao explicar a produção desses textos:

Uma biografia é uma grande reportagem?

É isso que eu digo. Toda vez que falam: “Você que é uma escritora...” Eu digo: “Calma. Eu sou uma jornalista que escreve perfis em forma de livro”. É perfil. Inclusive faço questão de dizer que as minhas biografias são perfis. Uma biografia mesmo é uma coisa impossível. Ninguém faz uma biografia...[...] Eu acho que ninguém, nunca, vai conseguir retratar uma vida inteira. Nem a própria pessoa. Na autobiografia também. A gente não se lembra desses detalhes... Vai esquecer da verdade, vai falsear, vai inventar. Uma vez eu escrevi um texto em que eu citava exatamente a impossibilidade de se fazer uma biografia, citei o exemplo do Sartre. Ele escreveu a biografia do Gustave Flaubert. São dois volumes, desse tamanho, é uma coisa monstruosa, 900 páginas ou coisa assim. E muita gente achou ruim isso. “Sartre está doido! Diminuiu as aulas, diminuiu os cursos de Filosofia para poder escrever a biografia de Flaubert?” Aí foram perguntar a ele: “Por que você escreveu essa biografia?” E ele: “Porque eu achei que era a pessoa mais diferente de mim que podia existir e tentei descobrir”. E aí perguntaram: “E descobriu?” E ele disse: “Mais ou menos”. (risos) Sartre, né? Monstro... Bom, isso é pra dizer que não dá para fazer biografia e o que eu quero é mostrar a inserção dessas mulheres na História do Brasil. (CALLADO, 2013)

Outro propósito amplamente anunciado por Callado é o de passar a limpo o século

XX sob diversas vias de análise. Esta assume um compromisso onde põe em evidência, mesmo que de modo enviesado, as suas próprias experiências, pois há aspectos nessas narrativas que refletem as convergências entre biógrafa e biografadas, visto que pertenceram a uma mesma geração, ou seja, compartilharam, numa mesma época aspectos histórico-sociais. Os aspectos em convergência acima citados podem ser identificados entre a biógrafa e as biografadas, pois há interseções a se destacar, tais como: viveram e participaram de importantes fatos do século XX; em alguns casos, circularam nos mesmos meios jornalísticos, políticos, artísticos, sociais; foram companheiras ou parentes de homens renomados que aparecem constantemente em registros historiográficos e que eram bastante referendados da mídia da época; em sua maioria, desenvolveram-se muito bem em mais de uma profissão; publicaram trabalhos diversificados como estudos, publicações acadêmicas, pesquisas, obras de arte, textos, revistas, documentos legislativos, obras sociais de grande evidência e singularidade, ou até mesmo excepcionalidade; e sofreram situações de confrontos pela aceitação, reconhecimento e valorização do que produziram, sobretudo na esfera pública e também sofreram intervenções de cunho discriminatório pelos temas e pelas causas que mobilizaram.

Construo aqui uma hipótese, a de que, como uma espécie de duplo espelhamento, ou de um jogo de autorreflexividade, é bem provável que estivesse bastante focada em compreender e revisitar as suas próprias experiências ao tentar identificar, por entre as minúcias esquadrihadas em suas pesquisas: como elas viveram nos âmbitos privado e público; com quem se relacionaram; por quais experiências particulares passaram; como

desenvolveram e lidaram com os diversos tipos de relações que estabeleceram; em quais circuitos transitaram; eventos de que participaram ou produziram; quem as conheceu e como as descreveu; em quais textos de esfera privada ou pública elas aparecem inscritas; qual é o volume de atributos e características divulgado sobre elas; dentre outras informações.

Em seu trabalho com os dados cronológicos, a biógrafa se ocupa em tentar nos direcionar aos principais fatos e acontecimentos do século XX vividos pelas personagens das biografias e indicar quais os seus modos e níveis de participação nesses eventos, tais como: Conquista do direito ao voto feminino, 2ª Guerra Mundial, Revolução de 30, Golpe do Estado Novo, influências do Nazi-Fascismo no Brasil, Movimento das Diretas Já, promulgação da Constituição Brasileira. Estes são alguns dos episódios descritos e analisados como estratégia de contextualizar as sete mulheres biografadas e assim devidamente associá-las aos registros da historiografia nacional. Por outro lado, também ressalta os intercâmbios que elas estabeleceram com inúmeros intelectuais, artistas, acadêmicos, políticos e jornalistas, destacando as suas intensas circulações nos espaços públicos e a produção de uma visibilidade e projeção, para assim justificar a necessidade de enquadrá-las como parte importante do repertório historiográfico desse século.

O recurso a datação como estratégia narrativa, geralmente enquadrando dia, mês e ano é organizado a partir dos diversos documentos e fontes a que acessa, como cartas, publicações em jornais e revistas, documentos oficiais a até mesmo os relatos orais recolhidos. Tal preocupação com a minúcia, com a precisão das informações apresentadas no ato de narrar, parece ser um procedimento comum da escritura de AAC em

biografias, indicando tanto o seu investimento na descrição de como se desencadeiam os fatos, num percurso linear, quanto na devida contextualização destes enquanto principal parâmetro de construção de narrativas historiográficas. A ilusão de uma vida narrada em perfeito retrospecto pode ser identificada nos seus enredos, ao tecer relatos sobre fatos e acontecimentos que elegeu como marcantes e dignos de notação nos seus textos e construir histórias que representam a vida como unidade e totalidade. Em associação a esses aspectos da narrativa, também busca se concentrar na tentativa de estabelecer nexos e estruturar informações num contexto presente, estabelecendo uma coerência e concatenação dos dados do passado.

É necessário ressaltar outro aspecto peculiar nas biografias de Callado, ambas percorrem linhas temáticas comuns, exploram conteúdos semelhantes, ressaltando, claro, detalhes mais específicos sobre as subjetividades e as contextualizações das personagens. Destacam-se como temas bastante explorados as relações familiares antes e após casamento, assim investe na constituição de uma genealogia, informando como essas relações se constituíram, quais filiações nelas estão demarcadas e as interferências dessas relações (sejam positivas ou negativas) na vida pública que as biografadas buscaram constituir. Ressalta os seus intercâmbios entre os âmbitos privado (do lar, da família, do casamento, dos filhos, das vivências com os outros parentes) com o público, caracterizando-o a partir das intensas redes de relações e transformações sociais que produziram. A construção de vida pública, (ilustrada em conceitos como, visibilidade, divulgação, circulação, exposição) conteúdo mais substancial em seus textos, também recebe da biógrafa um

grande investimento informativo e descritivo. O vasto recolhimento de informações que empreende sobre a vida pública dessas mulheres é seu principal recurso para fundamentar seus argumentos em torno da necessidade do registro dessas histórias, dando-lhes a validade política e identitária que merecem enquanto partícipes e mediadoras dos principais eventos do século XX.

Berta Ribeiro- aos índios com amor: um perfil pessoal, político e profissional

Uma das biografias dessa escritora que aqui analisaremos é a sua última, produzida em 2016. É, portanto, sua obra mais recente e dedicada a apresentar a história de Berta Gleizer Ribeiro. Uma das justificativas para essa escolha se refere ao enorme e significativo investimento que Berta fez nos estudos sobre os índios e, aliado a isso, suas abordagens sobre proteção ambiental e preservação cultural. Para muitos e em vários contextos no Brasil do início do século XX, Berta Ribeiro era a esposa de Darcy Ribeiro e sua insuperável auxiliar (organizava e datilografava seus trabalhos, assim como traduzia textos para ele estudar). Ao produzir uma biografia dedicada a ela, o que Ana Arruda Callado promove é a reorientação do olhar público sobre essa mulher, pondo em destaque detalhes da sua vida pessoal e profissional a partir de investigações e coleta de documentos, entrevistas, cartas, depoimentos e outras fontes. Como enuncia a biógrafa, para a concepção da obra, busca aproximar-se também das pessoas que conviveram com ela e de alguns espaços por onde viveu e assim reconstituir o seu perfil. Deste modo, “presentifica” para nós, através desses fragmentos da memória de e sobre Berta Ribeiro as suas experiências nos

âmbitos privado e público da política, da cultura, da ciência, das artes.

Seu trabalho visa esmiuçar os principais fatos vivenciados por Berta desde a sua chegada ao Brasil em fuga com a família, em 1932 até a sua morte no Rio de Janeiro, em novembro de 1997. Dedicar o início da narrativa a descrever sua infância triste e o grande sofrimento familiar pelo qual ela passa na infância, até que, de modo lacunar, num grande salto temporal, apresenta a sua chegada à juventude, quando conhece Darcy Ribeiro.

Num texto bastante respaldado em citações diretas, em que são usados trechos de cartas e entrevistas em predominância, são colocadas em evidências diversas vozes que procuram contribuir para a configuração do perfil dessa mulher. Junto a uma coletânea de fotos, que servem para ilustrar os diferentes temas que compuseram a obra, e embasadas em trocas de correspondências e em depoimentos sobre a ampla e íntima convivência com ela, estas são empregadas para constituir os pareceres sobre o seu perfil psicológico, intelectual, estético e profissional. É a partir dessas vozes e imagens, que buscam explicar, apresentar, informar, analisar e, principalmente, compor uma imagem bem articulada da personagem que Ana Arruda Callado conceberá a biografia, operacionalizando esses recursos e ajustando-os em linhas temáticas que constituem o sumário do livro.

Como principal embasamento e formatação da narrativa, chama a atenção os jogos dualísticos incorporados na tentativa de recomposição da história de Berta Ribeiro. Em primeiro plano, se refere ao quanto sua carreira é construída de acordo com os movimentos profissionais e políticos de Darcy Ribeiro e numa segunda perspectiva traz os

desdobramentos de uma carreira em grande ascensão quando dele se separa nos anos 70. Neste sentido, a dupla via pela qual sua história é recomposta se embasa em movimentos e mudanças que tem como principal referencial os percursos dos desníveis da sua relação com o antropólogo, escritor e político, referendados constantemente com base na representação de sua instabilidade emocional e sua apresentação de sentimentos exacerbados. Como assinala um trecho da obra, que é um depoimento da amiga Maria Stella de Amorim:

Depois da separação, com mais de 50 anos de idade, Berta não pretendeu aceitar nenhuma forma de “adoção” durante a vida. Empreendeu a construção da própria vida, intelectual e materialmente independente, pois todas as “adoções” que tivera durante a infância e a adolescência lhe foram impostas, em circunstâncias que não lhe permitiam recusá-las. (CALLADO, 2016, p. 69)

De início, na biografia ganham destaques os intensos acontecimentos políticos e culturais que impactam a vida do casal, com enfoque nos episódios referentes à Ditadura no Brasil. Eles se concentram nos movimentos políticos e profissionais assumidos por Darcy Ribeiro e na necessidade- naturalmente absorvida por ela – de acompanhá-lo em viagens, com destaque para o período de exílio, assessorá-lo e executar os mais diversos serviços para ele: revisar seus textos, datilografá-los, traduzir textos para seu estudo, etc. A respeito desses episódios Callado chega a declarar, nesta etapa da obra, que se Berta tivera família e profissão, fora por conta da influência dele como esposo, indicando que os aspectos de composição da sua identidade e do seu talento se embasaram e estavam condicionados exclusivamente a sua relação conjugal. Sobre isso a

biografia ainda ressalta que sua carreira até a separação permaneceu praticamente estagnada e que suas perspectivas pessoais estão amortecidas pela dedicação e subserviência ao marido, o que evidencia a tentativa de atrelar a vida da personagem e todo o seu desenvolvimento (ou não) às influências que o cônjuge exercia sobre ela.

Segundo o livro, a sua reorientação pessoal e assumpção de novos percursos para sua carreira são ocasionados pela separação e pela necessidade de restaurar sua identidade. Neste momento da narrativa, a biógrafa busca mapear o itinerário de produção e formação, ressaltando a intensidade e o vigor com que Berta se dedica à causa indígena. Nos anos 70, seu reposicionamento propicia-lhe a intervenção e produção em diversos setores: acadêmico, político, cultural, editorial e artístico, com enfoque na busca de se tornar a maior especialista em cultura material dos indígenas no Brasil do seu tempo, patamar que acaba conquistando. Os diversos saberes indígenas se tornam a sua paixão, com destaque também para a divulgação e defesa do saber ecológico.

Como desbravadora que ia a campo desenvolver suas abordagens, a partir da interação e investigação direta com diferentes povos indígenas de vários estados do Brasil, construiu importantes bases metodológicas e de classificação para pesquisas de cultura material e na documentação etnomuseológica dos acervos etnográficos. A partir dos anos 70 até sua morte, exerce múltiplas funções, o que indica seus campos de interesse vastos e contundentes como a antropologia, a museologia, a arte e até mesmo a ecologia. Em decorrência disso, atua em várias frentes, tais como pesquisadora e formadora de coleções em museus, escritora de livros, de capítulos de livros, de dezenas de artigos,

professora de universidade em cursos de graduação e pós-graduação. Essa intensa produção acadêmica, artística e cultural é apresentada na biografia a partir de seu próprio depoimento em memorial:

Entre 1977 e 1987, publico cinco livros e 28 artigos entre revistas especializadas, produzo um filme-documentário em videocassete sobre os índios Assuriní e Awareté, e coordeno três volumes de **Suma etnológica brasileira**, edição atualizada de **Handbook of South American Indians**. (CALLADO, 2016, p. 68)

A intensa e engajada produtividade de Berta Ribeiro não lhe isenta do enfrentamento de adversidades. São narradas situações de confrontos pela aceitação, reconhecimento e valorização do seu trabalho, principalmente na esfera pública e no setor político e sofre intervenções de cunho discriminatório pelos temas e pelas causas nele agenciados. Segundo a biografia, seus projetos, suas pesquisas, as causas sobre os povos indígenas, sua defesa da preservação e divulgação adequada dos patrimônios culturais de comunidades tradicionais, a dedicação ao ensino como um meio catalizador dessas opiniões, tudo isso era estrategicamente assumido por Berta e ao enveredar por vários contextos e empreendimentos, suas potencialidades intelectual, política e ideológica eram evidenciadas.

Ana Arruda Callado procura ressaltar no caráter do trabalho desbravador, irrequieto e intensamente produtivo de Berta Ribeiro, que acabou alcançando uma produção de nove livros e mais de quarenta artigos publicados, uma projeção da potência feminina a partir do seu desenvolvimento intelectual e profissional. No contexto da biografia, as referências ao conjunto volumoso do seu trabalho se constituem importante recurso de transformação das

perspectivas e de inspiração para construir meios de valorização das transformações histórico-culturais no nosso país mobilizadas por mulheres. É possível observar também que o registro da produção acadêmica e científica dessa professora e pesquisadora Berta Ribeiro ajuda a direcionar o país a repensar as bases das construções dos sistemas de legitimação e referência que se cristalizaram na História do Brasil do século XX e que ainda têm predominância nos dias atuais.

Considerações finais

Com múltiplos propósitos em jogo, mulheres têm se dedicado ao ofício de reescrever (ou reinscrever) as pautas femininas em voga, instalando o espaço discursivo como produto e potência, pois, numa perspectiva foucaultiana, corpos, vozes, olhares e saberes, precisam ser revisitados como novas tessituras que circulam entre os mecanismos de poder em voga. Assim, ao atravessarem séculos de ausência de fala e desprestígio, estando afastadas dos espaços públicos e privilegiados de sociabilidade e produção, encontram no limiar do século XX, e mais acentuadamente no transcorrer inicial do século XXI, espaço mais propício para outras possíveis vias de (re)conhecimentos.

Que razões as motivariam? Quais seriam seus novos propósitos e os aspectos condicionantes dos seus movimentos em prol de representações mais valorativas do gênero feminino? A quais recursos, percursos, vias e métodos elas têm recorrido para recompor cenários consolidados de depreciação, apagamento e violação? Estas questões vêm ressoando reiteradamente em constantes investigações e análises dos diversos campos de saber, especialmente os agenciados na contemporaneidade. Devemos considerar que estas perguntas no seu cerne expressam as inquietações

que desterritorializam lugares políticos e discursivos, pois os diferentes meios de representação do feminino emergem como tema rico no interior das relações, impulsionam complexas modificações e ampliam o fluxo de informações (PERROT, 1998).

Identifico muitos desses aspectos como possíveis vias de análise para biografias de autoria feminina, cujo enfoque é reconstituir histórias de mulheres objetivando o reajustamento dos discursos em circulação a partir, também, de uma perspectiva de gênero. A partir de uma abordagem sobre **Berta Ribeiro: aos índios com amor**, busquei apresentar uma análise que se constrói na exposição dos mecanismos, dos propósitos e dos conteúdos acionados em biografias de e sobre mulheres. A partir da apresentação da biografia sobre Berta, foi possível identificar a sua atuação em prol dos povos indígenas, assim como o seu trabalho para construir ambientes adequados de estudo do tema, principalmente um ambiente de natureza científica, propício ao estudo e à formação acadêmica.

Nessa breve análise de biografias de Ana Arruda Callado, que se destaca no âmbito da escrita biográfica contemporânea brasileira, pode-se destacar o quanto as histórias das mulheres representadas nas biografias representam possibilidades de discussão sobre expressões de identidade, escrita da história e novas conquistas nos espaços de poder. Considerando-se os estudos de gênero e os novos percursos da crítica cultural e biográfica, as práticas discursivas inerentes a essas obras favorecem a abordagem do texto biográfico como acervo documental que oferece instrumentos para compreensão do percurso historiográfico e cultural do nosso país.

Referências

- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.11, nº 21, 1998. p. 11.
- CALLADO, Ana Arruda. Ana Arruda Callado: uma mulher de sorte. Entrevista cedida a Francisco Uchoa e Paulo Chico. **Jornal da ABI**, março/2013, p. 16-25. Disponível em: <https://issuu.com/ucha/docs/jornaldaabi388/16>. Acessado em 30/10/2017.
- CALLADO, Ana Arruda. As paixões de Ana Arruda Callado. **Revista Cultura.RJ**. Rio de Janeiro. Secretaria de Cultura. Governo do Rio de Janeiro. 02/01/2010.
- PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. Vol. 09, nº 18, ago-set, 1989.
- _____. Mulheres públicas. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- SOUZA, Eneida Maria de. Notas sobre a crítica biográfica. In: **Crítica Cult**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002, p. 111-121.
- SOIHET, Rachel. Mulheres e biografia. Significados para a História. **Locus: Revista de História**. MG: Juiz de Fora. Vol 09, nº1. p. 33-48, 2003.
- Biografias de Ana Arruda Callado**
- CALLADO, Ana Arruda. **Dona Maria José**: retrato de uma cidadã brasileira. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- _____. **Jenny: Amazona, Valquíria e Vitória-Régia**. Rio de Janeiro: DL/Brasil, 1996.
- _____. **Adalgisa Nery**: muito amada e muito só. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura, (Coleção Perfis do Rio), 1999.
- _____. **Maria Martins, uma biografia**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.
- _____. **Lygia, a recordista**: um esboço biográfico. Rio de Janeiro: Batel, 2009.
- _____. **Darcy: a outra face de Vargas**. Rio de Janeiro: Batel, 2011.
- _____. **Berta Ribeiro – Aos índios, com amor**. Rio de Janeiro: Batel, 2016.

Recebido em 2022-03-04
Publicado em 2022-06-01